

Considerações Psicanalíticas sobre as Identidades a partir da Literatura de Mulheres Indígenas

Psychoanalytic Considerations on Identity Based on Indigenous Women's Literature

Consideraciones Psicoanalíticas sobre las Identidades a partir de la Literatura de Mujeres Indígenas

Considérations Psychanalytiques sur les Identités à partir de la Littérature des Femmes Autochtones

 10.5020/23590777.rs.v25i2.e14240

Maria Liliane Gomes dos Santos  

Professora do magistério superior do curso de Psicologia da Universidade Federal do Acre, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - UNB, mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia (2013), graduada em Psicologia pela Faculdade da Amazônia Ocidental (2010) e graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Acre (2006).

Giovana Oliveira da Silva  

Graduanda em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília – UnB.

Carla Sabrina Xavier Antloga  

Pós-Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, com estágio técnico no Conservatoire d'Arts et Métiers, Paris. Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, com ênfase em Qualidade de Vida no Trabalho (PSTO-UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC). Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino - Psitrafem.

Resumo

As aproximações entre a teoria psicanalítica e a literatura das mulheres indígenas são raras e não respondem aos desafios que se impõem a uma psicanálise forjada em solo brasileiro, incapaz de reconhecer, nas especificidades de seu território, “o inquietante” que impulsiona o avanço da teoria. Em resposta a essa conjuntura, este ensaio teórico privilegiou a escrita de Freud e Lacan, acrescido de artigos atuais que abordam as autoras indígenas e suas respectivas publicações. O levantamento exploratório inicial permitiu identificar a participação recorrente da pauta identitária como uma característica da literatura assinada pelas mulheres indígenas. Sendo as identidades um tema estrangeiro ao campo psicanalítico, este artigo tem como objetivo tensionar o uso do conceito de identidade no seio da psicanálise denominada freudo-lacaniana. Em vínculo com o significante ou em referência às imagens, sua abordagem direcionou o debate para o conceito lacaniano de semblante, adotado como suporte hermenêutico para o diálogo com a literatura das mulheres indígenas. Nesses termos, acredita-se que convocar o campo psicanalítico para a construção de formas solidárias de laço social passa pelo reconhecimento de que a validação das identidades indígenas não se resume à legitimação de sua alteridade, visto que sua identificação como “outro” sempre implicou sua aniquilação em favor de um suposto “igual”.

Palavras-chave: mulheres indígenas, literatura, identificação, semblante, teoria psicanalítica.

Abstract

Engagements between psychoanalytic theory and Indigenous women's literature remain rare and insufficient to address the challenges faced by a psychoanalysis developed in the Brazilian context, which has been unable to recognize, within the specificities of its own territory, the “uncanny” that drives theoretical advancement. In response to this scenario, this theoretical essay prioritizes the writings of Freud and Lacan, complemented by recent articles that address Indigenous women authors and their respective works. The initial

exploratory survey identified the recurrent presence of identity-related issues as a defining characteristic of literature authored by Indigenous women. As identity is a concept foreign to the psychoanalytic field, this article aims to problematize its use within Freudian–Lacanian psychoanalysis. Whether articulated through the signifier or referenced through images, this discussion led the debate toward the Lacanian concept of semblance, which is adopted here as a hermeneutic framework for dialogue with Indigenous women’s literature. From this perspective, the article argues that calling upon the psychoanalytic field to contribute to the construction of solidaristic forms of social bonds requires recognizing that the validation of Indigenous identities cannot be reduced to the legitimization of alterity alone, since their identification as the “other” has historically implied their annihilation in favor of a presumed “same”.

Keywords: indigenous women, literature, identification, semblance, psychoanalytic theory.

Resumen

Las aproximaciones entre la teoría psicoanalítica y la literatura de las mujeres indígenas son escasas y no responden a los desafíos que plantea un psicoanálisis forjado en suelo brasileño, incapaz de reconocer, en las especificidades de su territorio, “lo inquietante” que impulsa el avance de la teoría. En respuesta a esta coyuntura, este ensayo teórico privilegió la escritura de Freud y Lacan, complementada con artículos actuales que abordan a las autoras indígenas y sus respectivas publicaciones. El levantamiento exploratorio inicial permitió identificar la participación recurrente del tema identitario como una característica de la literatura firmada por mujeres indígenas. Siendo las identidades un tema ajeno al campo psicoanalítico, este artículo tiene como objetivo tensionar el uso del concepto de identidad en el seno del psicoanálisis denominado freudo-laciano. En vínculo con el significante o en referencia a las imágenes, su abordaje dirigió el debate hacia el concepto laciano de semblante, adoptado como soporte hermenéutico para el diálogo con la literatura de las mujeres indígenas. En estos términos, se considera que convocar al campo psicoanalítico para la construcción de formas solidarias de vínculo social pasa por el reconocimiento de que la validación de las identidades indígenas no se reduce a la legitimación de su alteridad, dado que su identificación como “otro” siempre implicó su aniquilación en favor de un supuesto “igual”.

Palabras-clave: mujeres indígenas, literatura, identificación, semblante, teoría psicoanalítica.

Résumé

Les rapprochements entre la théorie psychanalytique et la littérature des femmes autochtones sont rares et ne répondent pas aux défis imposés à une psychanalyse forgée sur le sol brésilien, incapable de reconnaître, dans les spécificités de son territoire, « l’inquiétant » qui impulse l’avancement de la théorie. En réponse à cette conjoncture, cet essai théorique a privilégié l’écriture de Freud et de Lacan, en y intégrant des articles actuels qui abordent les autrices autochtones et leurs publications respectives. L’enquête exploratoire initiale a permis d’identifier la récurrence de la thématique identitaire comme une caractéristique de la littérature écrite par des femmes autochtones. Les identités étant un thème étranger au champ psychanalytique, cet article vise à mettre sous tension l’utilisation du concept d’identité au sein de la psychanalyse dite freudo-lacanienne. En lien avec le signifiant ou en référence aux images, sa démarche a orienté le débat vers le concept lacanien de semblant, adopté comme support herméneutique pour le dialogue avec la littérature des femmes autochtones. En ces termes, on croit que l’appel au champ psychanalytique pour la construction de formes solidaires de lien social implique la reconnaissance que la validation des identités autochtones ne se limite pas à la légitimation de leur altérité, puisque leur identification à « l’autre » a toujours impliqué leur anéantissement au profit d’un supposé « égal ».

Mots-clés : femmes autochtones, littérature, identification, semblant, théorie psychanalytique.

O nascimento da psicanálise foi designado pela possibilidade de ouvir as mulheres e suas formas de sofrimento, mas as décadas que transcorreram desde a chegada da psicanálise ao Brasil não foram suficientes para que ela viesse a romper com o duplo silenciamento que marca as mulheres indígenas, enquanto representantes das culturas ameríndias e do gênero feminino. Em similaridade, a literatura sempre foi alvo do interesse de psicanalistas, contudo, a interlocução da psicanálise com a literatura dos povos tradicionais tem se mostrado significativamente rara, o que nos mobiliza a caracterizar as publicações acerca destas narrativas, para então cotejá-las em articulação com a teoria psicanalítica.

Como atividade emergente, a escrita literária de mulheres indígenas resiste à invisibilidade produzida pelas grandes editoras brasileiras, enquanto responsáveis por atribuir valor e fazer circular certas produções (Melo & Silva, 2021). Passados 50 anos desde os primeiros escritos literários da pioneira Eliane Potiguara, publicados somente a partir de 2004, hoje existem, aproximadamente, 60 escritoras indígenas engajadas com a disseminação de sua obra no Brasil. Elas redigem livros em variados gêneros literários e estão vinculadas a grupos editoriais diversos (Martinez, 2021).

Figurando na contemporaneidade como instrumento privilegiado de escrita das subjetividades plurais, a literatura tem servido à expressão do feminino constituído junto aos povos tradicionais brasileiros, o que nos encaminhou para a sua caracterização

em busca de uma visão geral sobre o assunto. Logo, não foi por meio da eleição de uma obra que realizamos esse diálogo com a psicanálise, mas por intermédio de artigos científicos que abordam a literatura de mulheres indígenas em suas elaborações.

Em obstáculo, a ausência de descritores satisfatórios para atender temáticas que perpassam a cultura indígena se colocou como uma representação da minoridade política-cultural exposta por Dorrico et al. (2020), o que contribui para que não se encontrem muitas publicações e para que a interlocução entre elas seja prejudicada. Tendo em vista a dificuldade para acessar referências significativas em bases de dados tradicionais, optou-se por utilizar o buscador da plataforma Mendeley¹ como sítio alternativo que ofereceu maior êxito aos propósitos estabelecidos.

Em convergência, esta etapa inicial se delineou como um levantamento exploratório, cujo intuito foi fundamentar o ensaio teórico, sem que houvesse compromisso com a realização de uma revisão caracterizada como sistemática, replicável e metódica. Utilizando os descritores “mulheres indígenas *and* literatura” e “literatura indígena”, foram selecionados 15 artigos que nos auxiliaram na caracterização da autoria indígena enfatizada e das temáticas abordadas.

Entre as escritoras indígenas brasileiras comumente citadas nos artigos científicos consultados, destacam-se Eliane Potiguara e Graça Graúna, ambas do povo Potiguara. Precursoras renomadas, elas inspiram outras mulheres, tendo como característica de sua obra a luta por direitos e a expressividade lírica. Em outros termos, elas conjugam denúncia e autoafirmação, articulando sentidos entre o poético e o político.

Julie Dorrico, brasileira da nação Macuxi, consta como nome emergente entre as escritoras literárias e uma das acadêmicas que mais publica sobre a temática em termos gerais. Sua escrita, assim como a de suas antecessoras, faz da literatura um ato de resistência e rompe com o silenciamento que vem sendo imposto às mulheres indígenas há tanto tempo (Calixto 2019; Guimarães, 2018; Melo & Silva, 2021).

Entre as temáticas abordadas, é predominante a pauta identitária (Costa & Feldman, 2019; Danner et al., 2019; Guanaes, 2019; Guimarães, 2018; Molina, 2019; Olivieri-Godet, 2017; Pachamama, 2019; Soares-Pinto et al., 2020; Vieira, 2019), muitas vezes acompanhada de ativismo literário, sendo a convergência destas abordagens comum à sua caracterização. Como representativo das pautas identitárias, são considerados os argumentos que protestam a visibilidade dos povos ameríndios, suas culturas e tradições, em oposição não somente ao apagamento simbólico, mas também ao extermínio material de seus corpos e territórios.

Danner et al. (2019), ao versarem sobre a literatura brasileira produzida a partir da década de 1990, expõem a relação de violência histórica, migração forçada, ameaça de perda de identidade e luta política enquanto núcleo e mote da autoria indígena de Eliane Potiguara. Argumenta-se que essa autora teria sofrido impactos pela violência simbólico-material a qual foi submetida, sendo as suas produções uma resposta a esses eventos, muitas vezes mascarados pelos processos de modernização.

A valoração das identidades surge como operadora do protagonismo dos povos indígenas, possibilitando ainda a construção de suas subjetividades através da escrita, uma vez que as narrativas literárias comportam em si o reconhecimento de suas existências e culturas, sendo essa a estrutura discursiva que oferece as bases para as suas narrativas. Em acréscimo, coloca-se em evidência a reivindicação pela visibilidade da literatura assinada pelos povos tradicionais, ao mesmo tempo em que se denunciam os parâmetros excludentes produzidos pelo cânone.

Ao delatar os estereótipos que acompanham os povos indígenas, a falta de visibilidade e apagamento de suas culturas, tradições, corpos e territórios, essa literatura também aborda a luta constante para que suas expressões literárias sejam legitimadas e valorizadas enquanto literatura (Danner et al., 2019; Guimarães, 2018; Molina, 2019; Olivieri-Godet, 2017; Soares-Pinto et al., 2020). Nesses termos, observa-se que, no seio das narrativas que reivindicam legitimidade literária, há centralidade da pauta identitária.

A constatação, portanto, de que as pautas identitárias caracterizam as obras literárias de mulheres indígenas foi fundamental para o surgimento desta proposta, que busca abordar essa literatura em diálogo com a teoria psicanalítica. Logo, este ensaio teórico tem como objetivo tensionar o uso do conceito de identidade no seio da psicanálise denominada freudo-lacaniana. Alcançada pela articulação entre as concepções psicanalíticas de identidade e a caracterização da literatura de mulheres indígenas, esta proposta exigiu que se ultrapassassem as limitações teóricas instituídas pelo campo psicanalítico.

Identidade e Identificação em Freud

Sou filha de Makunaima, que criou minha avó: primeiro de cera (mas ela derreteu!) e depois de barro: resistindo ao sol e passando a existir para sempre (Dorrico, 2019, p. 17)

Adentrar o campo teórico em torno da noção de identidade mostra-se um empreendimento complexo e audacioso, que exige o rompimento com algumas concepções já consolidadas na psicanálise freudo-lacaniana, como a de que “a psicanálise não trabalha com o conceito de identidade” (Krinski, 2020, p. 16). Embora esta não seja uma definição completamente unânime, o caráter dominante desse entendimento tem desencorajado desenvolvimentos acerca do assunto.

¹ Mendeley é um software gratuito de gestão de referências bibliográficas e de colaboração acadêmica, que permite organizar, citar e compartilhar pesquisas científicas.

De fato, não existe uma definição conceitual para *identidade* em Freud, e muitas das menções desta palavra, ao longo de sua obra, remetem ao seu uso comum e coloquial (Cunha, 2000). Tomando em advertência essa condição, presume-se que o estabelecimento de interlocuções com esse campo pode gerar problemas, ao mesmo tempo em que se defende que esses problemas devem ser abordados de maneira direta e discutidos com profundidade, pois, embora a ideia de identidade seja estrangeira no campo psicanalítico, sua participação assídua na cultura faz dela um tema fundamental (Cunha, 2000).

Sobre isso, revelam-se pontos de tensão comumente referidos à primeira e segunda tópica. A primeira circunscreve uma divisão subjetiva que coloca o inconsciente como maior representante da verdade do sujeito. A segunda atribui ao Eu qualidades próprias da consciência de onde emerge o reconhecimento de si, decorrente de um saber limitado, pois o Eu não é senhor de sua própria casa. Ainda que o Eu não esteja restrito à consciência, é a ela que ele costumeiramente é associado, o que faz dele uma instância com menor prestígio e colabora para uma definição de identidade sempre limitada acerca da verdade subjetiva (Krinski, 2020).

Mais afeita à incorporação e desenvolvimento da palavra identificação, a teoria psicanalítica se afasta do caráter substantivado que acompanha a ideia de identidade na sua reivindicação por essência ou substância, assumindo feições de verbo e, portanto, de ação e construção (Laplanche & Pontalis, 2001). Definida na língua portuguesa como ato ou efeito de se identificar, na teoria psicanalítica, a identificação representa um processo que perpassa a relação com o outro e acompanha o desenvolvimento da constituição subjetiva.

Algumas considerações podem ser encontradas na obra freudiana acerca da identidade, a exemplo do que se passa no relato do caso Schreber, onde Freud (1911/2010a) refere a perpetuação de aspectos da sua identidade, apesar das mudanças sofridas ao longo dos anos. Contudo, optou-se por priorizar a abordagem da identificação disposta em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, texto que, intencionalmente, esquematiza a identificação a partir de três eventos, em oposição a outros nos quais se verifica carência de delineamento e ausência de definição para o vocábulo.

Como disposto nessa obra, Freud (1921/2020a, p. 178) define a identificação “(...) como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva com uma outra pessoa” e a desenvolve em referência a três passagens constitutivas. A primeira diz respeito à incorporação direta estabelecida com a figura materna, de outra forma explicitada em *Totem e Tabu*, quando a incorporação do pai ocorre por meio da sua deglutição, em analogia ao que ocorre pela via do mecanismo da introjeção.

Esta vivência primeva é seguida pelo complexo de Édipo como segunda passagem, ocasião em que o desejo de ter é substituído pelo desejo de ser como o genitor, sendo as figuras parentais responsáveis por imprimir modos de ser compartilhados na cultura, que passam a ser introjetados no Eu do sujeito e podem ser denominados Ideal do Eu.

(...) a incitação a formar o ideal do Eu, cuja tutela foi confiada à consciência moral, partiu da influência crítica dos pais intermediada pela voz, aos quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública) (Freud, 1914/2010b, p. 29).

Assim, o Ideal do Eu se apresenta como decorrente do processo constitutivo do sujeito em que a identificação com os objetos vem substituir a imagem ideal de si que acompanha o narcisismo primário. Cumulativos a identificações secundárias, os ideais podem ser fonte de prazer e sofrimento, a depender do quão elevados são e das possibilidades disponíveis para alcançá-los. Ligados à consciência moral, eles favorecem a experimentação, por parte do sujeito, de conquistas apazíveis ou cobranças tirânicas, não devendo ser confundidos com o domínio superegótico, que opera por meio da exigência.

A terceira passagem que esquematiza as identificações em Freud está referendada à formação do sintoma. Sem que haja a premissa de uma ligação libidinal positiva, ocorre a adoção de características do objeto por meio da incorporação de um traço sintomático, mobilizado pelo desejo de estar no lugar do outro, ser como o outro ou punir-se por ter desejado sê-lo. Como expõe Freud (1921/2020a, p. 181), “a identificação por meio do sintoma torna-se, então, índice de um lugar de coincidência dos dois Eus, lugar esse que deve ser mantido recalçado”.

Nesse ponto, fica mais uma vez explicitada a participação do desejo nos processos identificatórios, não sendo possível falar de identidade em psicanálise sem falar de desejo. Assim como as representações estabelecem uma relação de cooperação combinatória com a vida pulsional, a identificação é orientada pelo desejo manifesto no reconhecimento de substitutos de algo que foi primevo, ainda que não idêntico (Cunha, 2000). Essa mobilização, por sua vez, faz advir uma série de sucessores cuja identificação carrega em si as marcas do inconsciente.

À medida que as identificações passam a abranger elementos de diferentes origens, é possível inferir que a identidade consta como aquilo que persiste a partir das múltiplas identificações. Nas palavras de Freud (1921/2020a, p. 207), “cada indivíduo é parte integrante da alma de muitas massas, a de sua raça, a de sua classe, a da comunidade de fé, a de seu Estado, etc.”, logo, é o que perdura desta combinação complexa de referências que irá subsidiar o que pode ser denominado identitário no sujeito.

Em resumo, a identificação direta com o outro materno, somada à integração das imagos parentais e incorporação dos ideais, coloca-se como herança que serve à formulação identitária e à criação sintomática. O desejo, por sua vez, comparece como elemento comum que permite a conjugação das circunstâncias mencionadas, enquanto assinalamento da incidência do inconsciente sobre a estruturação egóica (Freud, 1921/2020a), o que dá ensejo ao debate e conduz a nossa discussão rumo à abordagem lacaniana das identidades.

Identidade e Semblante em Lacan

E contarei minhas dores pra ti, Oh! Identidade. E entre um fato e outro, morderei tua cabeça. Como quem procura a fonte da tua força, da tua juventude, o poder da tua gente, o poder do tempo que já passou, mas que vamos recuperar (Potiguara, 2018, p. 114).

Em Lacan, o termo identidade também pode ser encontrado no sentido coloquial, contudo, uma aproximação à sua obra mostra mais que isso, **à medida em que são oferecidas diferentes acepções** no curso do seu desenvolvimento que o encaminham em direção ao tema no *Seminário IX, A Identificação* (Lacan, 2003). Avesso à possibilidade de uma essência identitária que pudesse ser pensada fora da estrutura social, o autor não se constrange pelo uso frequente da palavra identidade em seus *Escritos*, ao mesmo tempo em que incita a mobilidade dos significados atribuídos ao termo.

Em seu texto intitulado *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu*, Lacan (1949/1998a) situa a identidade no campo do imaginário, instância que partilha de correspondência com a teoria do narcisismo em Freud (1914/2010b), e é responsável por situar a busca pelo igual. Tomando como referência a etologia para pensar o processo de constituição subjetiva do infante, Lacan (1949/1998a) discorre sobre o júbilo da criança ao reconhecer-se de forma integrada a partir da visualização de sua imagem no espelho, cabendo ao adulto que a acompanha promover a confirmação desta imagem especular.

Antes um corpo despedaçado, o organismo encontra sua imagem numa fase ainda pré-verbal que explicita sua alienação e, por conseguinte, resulta na formulação de uma identidade alienante, pois “É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio” (Lacan, 1946/1998b, p. 182). Esse reconhecimento de si possibilita uma identificação imediata com o semelhante, ao mesmo tempo em que revela o malogro da imagem para responder **àquele que** emergirá enquanto sujeito de linguagem e de desejo, sendo inevitável que a dimensão imaginária fracasse em revelar a verdade sobre o sujeito do inconsciente (Lacan, 1956/1998c).

Distanciando-se das abordagens metafísicas e, portanto, essencialistas a respeito da identidade, as formulações em Lacan também coadunam uma medida de desconhecimento representada pelo outro de si mesmo, em referência ao conceito de inconsciente e à concepção de sujeito por ele privilegiada. De fato, num primeiro momento, a relação dialética com o outro cativa a criança, porém, será nesta mesma relação dual que ela experimentará uma dose elevada de agressividade, mobilizadora da sua **desalienação e separação** em favor da constituição de um sujeito dividido que integra um Eu e um outro de si mesmo.

Também por isso, essa conjugação entre os processos de identificação e a dimensão imaginária situa a identidade ao lado de substantivos adjetivantes como a miragem, a mentira e o engano, todos estes em oposição à verdade do inconsciente, que só pode ser acessada pela via do simbólico, instância responsável por caracterizar o encontro com a diferença. Logo, estabelece-se uma oposição entre a identificação oportunizada pela imagem e aquela promovida pelo significante, este último reconhecido como unidade organizadora da dimensão simbólica e marca radical da alteridade (Lacan, 2003).

Para Starnino (2016), a identidade em Lacan está atrelada a três pontos de ancoragem, a saber: o significante, o sujeito e o afeto. No que se refere ao significante, sobressaem as aproximações entre os campos da linguística e da psicanálise, ao mesmo tempo em que são levantadas divergências acerca da inserção do sujeito na estrutura da linguagem e da relação estabelecida entre o significado e o significante.

Em linguística, vemos ser firmada uma relação arbitrária, mas, ainda assim, de interdependência entre significante e significado, ocasião em que o vínculo entre eles passa a constituir um signo linguístico compartilhando sentido comum. Em Lacan (1956/1998c), por sua vez, permanece a concordância com a dimensão da arbitrariedade, mas não se observa o aprisionamento do significante ao significado, sendo este último definido *a posteriori*, em referência à cadeia significante e ao sujeito da enunciação.

Isto implica dizer que, para a linguística saussuriana, há uma subordinação do significante ao significado sem que haja interferência pelo sujeito da enunciação. Para a psicanálise, argumenta-se pela primazia do significante, ocasião em que o sujeito se revela por meio da produção de sentidos orquestrados pelo inconsciente.

Em distinção, enquanto Freud (1914/2010b; 1921/2020a) situa as identificações primevas na relação com as imagens materna e paterna, Lacan (1961-1962/2003) as desloca para os significantes capturados nas **relações primordiais**, como elementos fundadores do sujeito e de sua identidade. Na medida em que o sujeito se constitui em estado de alienação à cadeia significante enquanto dimensão do Outro, é por meio do acesso à linguagem que podemos vislumbrar uma apropriação original de cada significante, o que faz com que a identidade se encontre irremediavelmente articulada **à linguagem**.

A respeito do afeto, ele responde à inclinação pulsional já mencionada em Freud (1921/2020a), quando cita a antiguidade da ligação afetiva que habita o ser falante, sendo esta relação eu-outro a base primordial dos processos identificatórios que irão se desdobrar a partir do domínio da linguagem. Assim, o afeto perpassa a linguagem como elemento estruturante do sujeito e, também, a relação dual e especular onde se experimenta o amor e o ódio em grande intensidade, restando ao significante estabelecer o limite na busca pelo igual, que resulte em uma triangulação eu-outro-significante.

Para Starnino (2016, p. 241), as identificações posteriores que encontram o sujeito psicanalítico não partem de uma lógica especular, mas do compartilhamento de um significante comum, pois “A pode se reconhecer com B se e somente se ambos se identifiquem com S”, sendo S a letra representativa do significante. Ademais, a radicalidade promovida pelo significante vai além da ausência de igualdade entre dois sujeitos, pois compreende ainda o reconhecimento de um sujeito dividido em si mesmo, que não pode ser capturado pela equação $A=A$ (Starnino, 2016), o que direciona este debate para o conceito lacaniano de semblante.

Ainda pautado no campo da etologia, o conceito de semblante inverte a razão metafísica das identidades em nome de uma lógica segundo a qual não basta ser, é preciso parecer (Lacan, 2009), o que resgata o valor da imagem como elemento emblemático que, junto ao significante, possibilita o acesso à verdade. Para o autor, “A verdade não é o contrário do semblante. A verdade é a dimensão, ou *diz-mansão* – se vocês me permitirem criar uma nova palavra para designar esses godés – estritamente correlata àquela do semblante” (Lacan, 2009, pp. 25-26).

Inicialmente abordado em referência ao imaginário e seu poder de engano, seu desenvolvimento conceitual na obra lacaniana apresenta crescente articulação com o campo simbólico. Não mais restrito à dimensão imagética, o semblante passa a se constituir como um discurso que, em convergência com as identidades, acolhe o significante e promove a sua imperiosa articulação com a imagem (Krinski et al., 2020).

Esses significantes, por sua vez, não estariam isentos da possibilidade de fixar identidades, “precisamente porque o discurso não deve ser confundido com a linguagem (...), que a partir dele são produzidos modos de inteligibilidade cuja reiteração leva à fundamentação também de lógicas identitárias” (Krinski et al., 2020, p. 812). Logo, se há um discurso hegemônico a respeito de um determinado grupo, é comum que ele venha a estabelecer contornos identitários para os sujeitos a ele referidos.

Ainda, é também por meio da linguagem que os sujeitos podem inventar a si mesmos, servindo-se de novos arranjos e outros significantes, sem com isso abdicar da imagem. Uma vez que a identidade, tanto em Freud quanto em Lacan, passa pela profusão de dualidades imagéticas, a teoria lacaniana não chega a representar oposição à elaboração freudiana, ainda que esta sofra modificações oportunizadas pelas lentes da linguística estrutural.

Em associação com a verdade e, portanto, com o desejo do sujeito do inconsciente, o semblante consta como conceito que vai reunir os registros simbólico e imaginário e oferecer contornos que ultrapassam a imagem, servindo à análise das narrativas identitárias encontradas na literatura de mulheres indígenas.

A Literatura Identitária das Mulheres Indígenas

Yo tengo un collar de muchas historias y diferentes etnias. Se no lo reconocen, paciencia. Nosotros habemos de continuar gritando la angustia acumulada hace más de 500 anos (Graúna, 2025, p. 8).

A literatura de mulheres indígenas é apontada de modo predominante como uma literatura política, que reivindica possibilidades de existência concretas e literárias, ambas marginalizadas pelos discursos e pelas práticas colonizadoras que permanecem perpetuadas nas sociedades capitalistas (Calixto, 2019). Uma vez que a literatura indígena na América Latina é caracterizada pela sua riqueza em gêneros e abordagens (Neves, 2018), a repetição constatada em torno de pautas identitárias, combinada à menor expressividade acerca de suas cosmologias, sugere uma forma de sofrimento que não cansa de inscrever-se na intenção de ser reconhecida, pois tampouco pode ser recordada e elaborada, à medida que se mantém atual.

Os artigos que evidenciam as pautas identitárias na literatura de mulheres indígenas problematizam os estereótipos e expectativas que são projetados sobre elas, a construção das identidades e as conexões com suas culturas e tradições em suas representações literárias (Costa & Feldman, 2019; Danner et al., 2019; Guanaes, 2019; Guimarães, 2018; Molina, 2019; Olivieri-Godet, 2017; Pachamama, 2019; Soares-Pinto et al., 2020; Vieira, 2019). Isso implica dizer que, frente às identidades impostas pelos padrões eurocêntricos, sejam eles sociais, raciais, étnicos ou de gênero, as construções literárias dos povos indígenas propõem elevar o termo indígena à condição de significante, desassociando-o dos significados forçados, imagens aprisionantes e signos determinados pelo colonizador.

A centralidade concedida às discussões que perpassam a pauta identitária possibilita evidenciar críticas aos problemas gerados pela colonialidade, como o imperativo de uma homogeneidade manifesto nas representações das mulheres indígenas. O discurso identitário nasce com a compreensão de que estas mulheres compartilham de incidências colonizadoras comuns, mas são múltiplas as formas de enfrentamento e criação, as quais perpassam as dimensões étnicas, ecológicas, epistemológicas e também de gênero. Como expõe Vieira (2019, p. 164),

(...) as mulheres Indígenas não são um monólito, não se conhecem todas, não estão imunes às estruturas patriarcais e não possuem respostas prontas para os problemas da colonialidade. O compromisso com as pautas étnicas, ecológicas e de soberania não extingue a pauta de gênero, mas se acumula em camadas de opressão que precisam ser vencidas.

O uso do nós, tão predominante na escrita indígena, configura-se como um pronome que, ao mesmo tempo em que reúne o sentido comum e compartilhado por um grupo, rompe com as dimensões estereotipadas acerca dos povos indígenas, tradicionalmente retratados em terceira pessoa de forma pura, mas também sexualizada e animalizada pela literatura ocidental. Ao demarcarem as especificidades étnicas que quem escreve, tendo em vista a pluralidade cultural que qualifica os povos originários, estas publicações convergem com “a máxima de que na identidade está sempre pressuposta a diferença” (Krinski, 2020, p. 10), ao mesmo tempo que convidam a pensá-la enquanto categoria que se estabelece a partir da ancestralidade de um grupo.

Para Starnino (2016, p. 243), “As identificações coletivas se estruturam a partir de ‘indivíduos’ que se identificam afetivamente com determinados significantes ou no sentido freudiano, indivíduos que se identificam com certas representações, certos ideais compartilhados pelos membros do grupo”. Assim, estamos falando de um Eu literário que reflete estes processos de identificação e se implica com o reconhecimento de uma ancestralidade em comum, repartida como ideal entre as mulheres indígenas.

Ademais, é por meio desta conjugação de campos de identificação que “... se ata o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento” (Lacan, 1961-1962/2003, p. 529). No que se refere ao desejo de reconhecimento, este se faz explícito na luta constante para que suas expressões literárias sejam reconhecidas e valorizadas enquanto literatura (Danner et al., 2019; Guimarães, 2018; Molina, 2019; Olivieri-Godet, 2017; Soares-Pinto et al., 2020). Desta forma, observa-se que, mesmo nas publicações caracterizadas de modo predominante pela pauta identitária, há convergência com a busca por reconhecimento literário.

No que se refere ao reconhecimento do desejo, este nos é revelado nas entrelinhas da construção ficcional. Embora, do ponto de vista da classificação literária, suas histórias possam ser caracterizadas como realistas – em oposição ao que se encontra denunciante no romantismo e no naturalismo, por exemplo –, em sentido psicanalítico, são representadas como ficção, lugar de onde advém a verdade sobre o sujeito e o seu desejo (Lacan, 2009). Assim, é o desejo que figura como mobilizador do protagonismo literário e acadêmico assumido pelas autoras na abordagem de assuntos que lhes dizem respeito.

“Em termos correlatos, tudo que é da alçada do efeito de linguagem, tudo que instaura a diz-mansão da verdade, coloca-se a partir de uma estrutura de ficção” (Lacan, 2009, p. 73). A exemplo do que se passa na textualidade de Eliane Potiguara e Graça Graúna, é fazendo uso da ficcionalidade que elas borram os limites entre a ficção e a realidade, para então expressar suas verdades enquanto mulheres indígenas (Calixto, 2019). Logo, é pela possibilidade de construir narrativas ancoradas sobre a ficcionalidade que elas podem revelar a sua verdade na condição de sujeito desejante.

Conceber a literatura de mulheres indígenas nesses termos implica partir do pressuposto de que o cotidiano oferece pistas para a sua construção. No entanto, essa literatura ultrapassa os acontecimentos referidos, sem que haja prejuízos no seu valor de verdade, o qual se mostra de forma iniludível no encontro com sua estrutura ficcional. Uma vez submetidas à linguagem, consta inconcebível acessar diretamente os fatos, restando a elas a possibilidade de “reescrever as histórias mal contadas” (Molina, 2019, p. 137), o que encaminha esta discussão em direção ao conceito lacaniano de semblante, enquanto noção que operacionaliza a estrutura das identidades.

Para Dunker (2019; 2021), o semblante é o operador do discurso que revela a relação que cada um sustenta com a sua aparência e dela faz uso no laço social. Longe de promover o falseamento em suposição a uma verdade escondida, o semblante carrega em si uma verdade possível de sustentar em discurso. Assim como “o sangue vivo não refuta o semblante, ele o colore, torna-o *re-semblante*, propaga-o” (Lacan, 2009, p. 14). Desse modo, é por meio da suspensão das contradições entre imaginário e simbólico, reunindo em um mesmo plano a realidade e a ficção, que Eliane torna inequívoca a mancha de sangue derramado pelo projeto de negação da humanidade indígena.

E se o discurso não pode abdicar da imagem, a imagem sozinha não é suficiente para manter o semblante, o que permite à autora sustentar sua “cara de índia” em termos de imagem e discurso, como magistralmente se observa no texto de Eliane Potiguara, quando questiona “Que faço com a minha cara de índia?” (Potiguara, 2018, p. 32). Mais que uma imagem, Eliane faz uso da sua fisionomia para inaugurar um discurso que permite a sua existência enquanto sujeito, mostrando a mulher indígena além da aparência, mas sem prescindir dela.

O semblante que perpassa as identidades também acompanha as mudanças no discurso, muitas vezes favorecidas pela modificação dos lugares, concebidos em sentido figurado, ou mesmo literal. Exemplo disso é que a vida urbana, frequentemente usada como argumento para que se questione acerca das suas identidades, encontra na escrita um espaço intermediário entre a aldeia e a cidade, convocando-as a fabricar maneiras de manter suas tradições e ancestralidade, geralmente intrínsecas aos textos literatos que lhes são autorais (Calixto, 2019).

É válido lembrar que as mulheres indígenas não deixam de ser quem são por estabelecerem domicílio nas áreas urbanas, ao mesmo tempo que a vida nesses espaços precipita uma produção discursiva a respeito da experiência do não lugar acessado fora território indígena (Pachamama, 2019). Assim, toda narrativa identitária revela em sua autoria a estrutura discursiva e seus arranjos compartilhados, que nos contam a história de um tempo e lugar específicos (Hall, 2017).

Lacan (2009) situa na autoria um discurso coletivo que particulariza, destituindo a tese sobre a existência de uma declaração que possa ser pensada fora da estrutura. Em correspondência com os estudos culturais (Hall, 2017), ao retirar a identidade do campo essencialista para transformá-la em um conceito estratégico, Lacan (2009) compartilha do entendimento de que a estrutura cria condições para a formulação discursiva, o que se verifica pela confluência com o coletivo, assumida como lugar de enunciação entre as escritoras indígenas.

Em seus textos, prevalece um sentido de coletividade, o que representa muito do *modus vivendi* desses povos. Não há um autor que se propõe a privilegiar a sua voz, mas a voz de todo o seu povo e cultura. Ademais, essa literatura não é direcionada apenas para leitores indígenas, mas principalmente para os que não são, a fim de que esses possam conhecer o outro lado da história, até então silenciado (Calixto, 2019, p. 51).

Não se pode elidir que a necessidade de representação na literatura indígena é decorrente de um sistema econômico expropriador, que estabelece referências identitárias excludentes, a partir de combinações que invariavelmente relegam ao indígena uma imagem desarticulada da palavra viva. Em resposta, os arranjos editoriais cooperativos revelam uma atitude de resistência a um sistema de publicação excludente enquanto, à margem, a literatura de mulheres indígenas avança por meio do resgate da solidariedade negada no mundo contemporâneo.

Ao implicar o campo psicanalítico rumo à construção de formas solidárias de estar em sociedade, as saídas encontradas pelas mulheres indígenas inspiram a artesanaria de outros modos de relação, onde a identificação não seja convertida para fins de consumo e o Ideal do Eu não se submeta aos propósitos capitalistas, que objetificam e desumanizam a pessoa indígena. Nesses termos, questiona-se se este recorte conceitual oferece um caminho válido para pensar as identidades indígenas, ou se seria mais pertinente valer-se da sua hermenêutica para compreender os atravessamentos que marcam as existências indígenas no território brasileiro.

Cientes de que o abismo gerado pelo processo de colonização está longe de ser eliminado, pois se estabelece em contiguidade ao sistema capitalista, adverte-se que uma mudança efetiva neste sentido, mais que tensionar o conceito de identidade no seio na teoria, implica a mobilização das dimensões éticas que atravessam o processo constitutivo deste país. Assim, ao invés de promover a psicologização das identidades indígenas, é preciso conceber as circunstâncias que fazem com que se veja no nativo as insígnias do estrangeiro e, ao expulsá-lo de seu território, eleja-se o indígena como um outro de si mesmo.

Admitindo no semblante uma possibilidade de romper com a estereotipia que lhes sequestra a dignidade enquanto sujeitos, é a partir do referencial psicanalítico que também podemos denunciar a imagem do indígena como um estrangeiro, refletindo o estranho que habita tudo aquilo que um dia nos foi e é muito familiar (Freud, 1919/2019). Nesta conjuntura, marcada pela ignorância a respeito das 305 etnias que habitam e resistem em solo brasileiro, temos um espelho fracassado na tarefa de permitir o reconhecimento do indígena como semelhante, enquanto a recusa da alteridade no outro repercute como genocídio desses povos, em favor de um suposto igual que espelha o colonizador.

Considerações Finais

Os preconceitos que marcam as mulheres indígenas favorecem o seu silenciamento na sociedade, nas pesquisas acadêmicas, na literatura e nas representações literárias, limitando a ocupação e pertencimento a esses espaços. Ainda que não seja possível situar toda a literatura de mulheres indígenas brasileiras no campo da pauta identitária, é nesta seara que elas têm se colocado com suas literaturas engajadas e solidárias, representativas de um discurso que coaduna o que lhes é coletivo e particular.

A literatura de autoria indígena advoga pela sua pluralidade identitária, em detrimento a uma figuração simplista e estereotipada, a qual predomina no cinema, na pintura, na literatura e nas artes de uma maneira geral. Valendo-se do lugar de escritora, as autoras incitam formas de resistência e lutas, evidenciando sua força, sabedoria e o poder da palavra para gerar diálogos, transformações e aprendizados, não existindo qualquer argumento para que a psicanálise continue a se furtar deste encontro.

Esta proposição não elide os desafios que lhes são próprios, a exemplo daquele oportunizado pela emergência temática das identidades e outros sabidamente encontrados nos textos freudianos que fazem fronteira com a antropologia. De fato, o interesse acerca das mulheres indígenas e suas narrativas demanda uma aproximação cuidadosa, pois, uma vez pautada em marcos culturais distintos, ela se mostra sujeita a equívocos.

Isto posto, é possível presumir que a cautela sugerida concorre para a escassez de referências, mas não justifica a omissão manifesta pelo campo psicanalítico, aferida em bases de dados comprometidos com o conhecimento produzido na América Latina. Em acréscimo, esta lacuna também se verifica pela carência de um vocabulário controlado, que oportunize a sua promoção para além dos limites aqui ultrapassados.

Desprovido de melhores descritores, e de um maior volume de publicações, explicitamos as limitações assumidas na elaboração deste ensaio teórico, firmado sobre um levantamento exploratório que não incluiu em sua busca a literatura cinzenta. Apesar destas restrições, esperamos mobilizar outras imersões acerca da temática, a serem promovidas também em diálogo com outras disciplinas, no intuito de colaborar com futuros desenvolvimentos teóricos e metodológicos.

Em convergência com os princípios estabelecidos no campo psicanalítico, propõe-se a elaboração de estudos que dialoguem diretamente com o texto literário ou que recorram à escuta dessas mulheres, reconhecendo-as como protagonistas a serem tomadas em consideração. Ao recusar a ideia de que a teoria representa um empecilho para escutá-las, não há o intuito de submetê-las à clínica psicanalítica. Ao contrário, defendemos a possibilidade de ouvi-las e pensar com elas a cultura.

Durante muito tempo, os povos originários foram vistos apenas como tema de estudo, sendo frequentemente retratados em textos, mas raramente com sua própria voz ou autoria (Pachamama, 2020), fato que inclui a participação da psicanálise colaborando para essa incorreção. Se, para Freud (1933/2020b), a atividade de trançar seria uma forma das mulheres recobrirem a falta, identificamos no tear da palavra de Graça Graúna a possibilidade de fazer oposição a esse discurso alienante, em meio a tantos outros que ainda prevalecem a respeito de suas identidades.

Por fim, advoga-se que a abordagem das identidades indígenas pode se beneficiar do conceito psicanalítico de semblante, pois, enquanto o significante sustenta um encontro ético com a alteridade, a imagem cria possibilidades de reconhecimento no outro que ultrapassam o reflexo devolvido pelo espelho do colonizador. Nesses termos, espera-se que a leitura psicanalítica das identidades abra caminho para outras interlocuções que reflitam sobre os rumos da vida em sociedade e da ética que perpassa a cultura, para além dos processos identitários que esta explanação comporta.

Para futuras aproximações, recomenda-se uma consulta à Bibliografia das Publicações Indígenas do Brasil, criada por Aline Franca, Daniel Munduruku e Thúlio Gomes, uma iniciativa colaborativa que reúne uma lista de autoras e autores indígenas brasileiros, suas publicações em livros, teses e dissertações. Em resposta aos parâmetros excludentes produzidos pelo cânone, este sítio, além de agrupar conhecimento de autoria indígena, favorece o acesso às produções ameríndias locais (Ferreira, 2021), uma vez que as plataformas tradicionais não desenvolveram recursos afirmativos que pudessem facilitar este acesso.

Referências

- Calixto, L. A. G. (2019). Vozes das mulheres indígenas em Eliane Potiguara e em Graça Graúna. *Trama*, 15(36), 50-59. <https://doi.org/10.48075/rt.v15i36.22354>
- Cunha, E. L. (2000). Uma interrogação psicanalítica das identidades. *Caderno CRH*, 13(33), 209-228. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v13i33.18575>
- Costa, M. V. R., & Feldman, A. K. T. (2019). A representação mítica, simbólica e física da mulher indígena em a Casa Redonda, de Louise Erdrich. *Revista Ártemis-Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades*, 28(1), 73-87. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v28n1.49887>
- Danner, L. F., Dorrico, J., & Danner, F. (2019). Em busca da terra sem males: Violência, migração e resistência em Kaká Wera Jecupé e Eliane Potiguara. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (58), 1-17. <https://doi.org/10.1590/2316-4018587>
- Dorrico, J. (2019). Eu sou Macuxi e outras histórias. *Caos e Letras*.
- Dorrico, J., Danner, F., & Danner, L. F. (2020). *Literatura indígena brasileira contemporânea: Autoria, autonomia, ativismo*. Editora Fi. https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_68ccdefa44724e7aaf3feacd956ecb11.pdf
- Dunker, C. (2019, 29 de dezembro). *Falando nisso 258: Dom e semblante em Lacan* [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=qrNV_HdkQUA
- Dunker, C. (2021, 10 de agosto). *Falando nisso 323: Semblantes e mascaradas* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=qHPsRkdPQTk>
- Ferreira, A. L. M. (2021). O papel da bibliografia das publicações indígenas do Brasil na reafirmação das identidades intelectuais ameríndias. *Current Issues in Comparative Education*, 23(2), 159-174. <https://doi.org/10.52214/cice.v23i2.8566>

- Freud, S. (2010a). *Obras completas: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreiber")*, artigos sobre técnica e outros textos (Vol. 10, pp. 9-80). Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1911
- Freud, S. (2010b). *Obras completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol. 12, pp. 9-37). Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1914
- Freud, S. (2019). Obras incompletas de Sigmund Freud: *O infamiliar [Das Unheimliche]: Seguido de o homem de areia de E.T.A. Hoffmann* (Vol. monográfico). Autêntica. Trabalho original publicado em 1919
- Freud, S. (2020a). Obras incompletas de Sigmund Freud: Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos (Vol. 10, pp. 137-232). Autêntica. Trabalho original publicado em 1921
- Freud, S. (2020b). Obras incompletas de Sigmund Freud: *Amor, sexualidade, feminilidade* (Vol. 7, pp. 313-348). Autêntica. Trabalho original publicado em 1933
- Graúna, G. (2025). Canción peregrina. *Cadernos de Subjetividade*, 1(23), 7-11. <https://doi.org/10.23925/cs.v1i23.69682>
- Guanaes, A. R. N. (2019). Passado, presente e futuro das avós nas narrativas indígenas contemporâneas. *Interfaces*, 19(2), 63-74. <https://periodicos-old.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/16603>
- Guimarães, A. (2018). O que eu faço com a minha cara de índia? Literatura e resistência em Eliane Potiguara. *Darandina Revisteletrônica*, 11(2), 1-13. <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez151.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=all&id=W2975175778>
- Hall, S. (2017). Quem precisa de identidade? In T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (15a ed., pp. 103-133). Vozes.
- Krinski, S. D. S. (2020). *A performatividade na psicanálise e suas implicações para o conceito de identidade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/214527>
- Krinski, S., Madeira, M., & Moschen, S. (2020). A Noção de Semblante em Jacques Lacan: Contribuição às Identidades Contemporâneas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(4), 803-827. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n4p803.9>
- Lacan, J. (1998a). *Escritos* (pp. 96-103). Jorge Zahar. Trabalho original publicado em 1949
- Lacan, J. (1998b). *Escritos* (pp. 152-194). Jorge Zahar. Trabalho original publicado em 1946
- Lacan, J. (1998c). *Escritos* (pp. 13-66). Jorge Zahar. Trabalho original publicado em 1956
- Lacan, J. (2003). *O Seminário, Livro 9: A identificação (1961-1962)*. Centro de Estudo Freudianos de Recife.
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, Livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. L. (2001). *Vocabulário de psicanálise* (4a ed.). Martins Fontes.
- Martinez, A. C. (2021). *Ontologia da mulher indígena?: Metade cara, metade máscara de Eliane Potiguara* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/224236>
- Melo, C. A., & Silva Filho, J. V. (2021). Subalternas nunca mais! O grito decolonial das escritoras indígenas brasileiras. *Caderno Seminal*, (39), 245-291. <http://dx.doi.org/10.12957/seminal.2021.58918>

- Molina, V. P. B. (2019). Kümedungun: Trajetórias de vida e a escrita de si de mulheres poetas Mapuche. *Jangada: Crítica, Literatura, Artes*, 1(14), 121-140. <https://doi.org/10.35921/jangada.v1i14.236>
- Neves, I. S. (2018). As histórias de Murué Suruí e Kudã'í Tembê: Traduções e temporalidades. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (53), 149-175. <https://doi.org/10.1590/2316-4018536>
- Olivieri-Godet, R. (2017). Graça Graúna: A poesia como estratégia de sobrevivência. *Interfaces*, 17(3), 101-117. <https://doi.org/10.15210/interfaces.v17i3.12569>
- Pachamama, A. R. (2019). Mbaima Metlon: Narrativas de mulheres indígenas em situação urbana. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, 8(2), 134-150. <https://doi.org/10.12957/ek.2019.48528>
- Pachamama, A. R. (2020). Boacé Metlon palavra é coragem: Autoria e ativismo de originários na escrita da história. In J. Dorrico, F. Danner, & L. F. Danner (Orgs.), *Literatura indígena brasileira contemporânea: Autoria, autonomia, ativismo* (pp. 26-40). Editora Fi. https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_68ccdefa44724e7aaf3feacd956ecb11.pdf
- Potiguara, E. (2018). *Metade cara, metade máscara* (3a ed.). Grumin.
- Starnino, A. (2016). Sobre identidade e identificação em psicanálise: Um estudo a partir do Seminário IX De Jaques Lacan. *Dois pontos*, 13(3), 231-249. <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v13i3.46901>
- Soares-Pinto, N., Affonso, A. M. R., & Benítes, S. (2020). Mulheres indígenas e suas coexistências: Uma apresentação. *Cadernos de Campo*, 29(1), 173-178. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i1p173-178>
- Vieira, F. (2019). “Eu não sou sua princesa”: Um diálogo entre mulheres. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, 8(2), 151-164. <https://doi.org/10.12957/ek.2019.49318>

Como citar:

Santos, M. L. G., Silva, G. O., & Antloga, C. S. X. (2025). Considerações Psicanalíticas Sobre as Identidades a partir da Literatura de Mulheres Indígenas. *Revista Subjetividades*, 25(2), e14240. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i2.e14240>

Endereço para correspondência:

Maria Liliane Gomes dos Santos
E-mail: liliane.psi@hotmail.com

Giovana Oliveira da Silva
E-mail: giovanaoliveira590@gmail.com

Carla Sabrina Xavier Antloga
E-mail: antlogacarla@gmail.com



Recebido em: 01/02/2023.

Aceito em: 13/05/2025.